



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LINHA DE PESQUISA: Geografia Cultural e da Percepção

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA SILVA

**PAISAGENS DO MEDO: REFLEXÕES SOBRE LAMPIÃO E O CANGAÇO, BREVE
CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL**

GUARABIRA/PB
2022

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA SILVA

**PAISAGENS DO MEDO: REFLEXÕES SOBRE LAMPIÃO E O CANGAÇO, BREVE
CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-Artigo)
apresentado no Curso de Licenciatura Plena em
Geografia, na Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Geografia.

ORIENTDORA: Prof^a. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário

**GUARABIRA/ PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva, José Augusto França.
Paisagens do medo [manuscrito] : reflexões sobre Lampião e o cangaço, breve contexto da geografia cultural / Jose Augusto Franca Silva. - 2022.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Aletheia Stedile Belizário, Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Geografia cultural. 2. Cangaço. 3. Paisagem do Medo. I.

Título

21. ed. CDD 910

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA SILVA

**PAISAGENS DO MEDO: REFLEXÕES SOBRE LAMPIÃO E O CANGAÇO, BREVE
CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC-Artigo)
apresentado no Curso de Licenciatura Plena em
Geografia, na Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento aos requisitos
necessários para obtenção do Grau de
Licenciatura Plena em Geografia.

Aprovado em: **05/04/2022**.

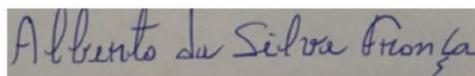
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Me. MARIA ALETHEIA STEDILE BELIZÁRIO
(Mestre em Geografia)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



PROF. DR. BELARMINO MARIANO NETO.
UEPB/CH/DG - (Doutor em Sociologia pela UFPB)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



ALBERTO DA SILVA FRANÇA
(Graduado em Geografia)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Primeiramente a Deus, AGRADEÇO por tudo!
A minha mãe guerreira Salete França, ao meu pai Roberto, homem forte e trabalhador, ao meu primeiro filho Bryan Albert, minha esposa Amanda, aos meus irmãos: Alberto, Neuza e ao meu saudoso irmão Ismael (In Memoriam), ao meu avô Francisco Silvino – Seu Díco (In Memoriam) que cumpriu sua árdua jornada neste mundo. A todos meus amigos pela força e incentivo nessa jornada de estudo. **DEDICO.**

As paisagens desempenharam um papel importante na Geografia da primeira metade do século vinte, entretanto seu estudo permaneceu essencialmente baseado em duas concepções: a concepção funcional e a concepção arqueológica. Na primeira, a paisagem era concebida como reflexo do funcionamento social, cultural e econômico da sociedade. Na segunda, parte da paisagem não refletia o funcionamento atual, mas os funcionamentos passados. (CLAVAL 2002, pag.22)

AGRADECIMENTOS

A Deus! Agradeço pela sua beneficência e bondade, graças dou pela coragem e força a mim proporcionado, a não desistir desta caminhada e seguir com coragem e entusiasmo nesta jornada acadêmica.

A professora Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário, pelas leituras sugeridas ao longo desse percurso de orientação, pela atenção e cuidado nas produções textuais, para que esse trabalho fosse concluído.

A minha Mãe, por seu exemplo de vida, Maria Salete de França, pelo incentivo a não desistir dos meus estudos, aos anos dedicados para que eu pudesse alcançar o ingresso em uma universidade, sempre me apoiando em cada vitória já alcançada.

Ao meu Pai Jose Roberto dos Santos Silva, pelo amor e carinho que me proporcionou, cuidando e educando seus filhos, com força e perseverança. Sempre batalhando por nós para que tivéssemos melhores condições possíveis para nunca desistir de estudar.

Ao meu querido e amado irmão Alberto França, que me incentivou muito a seguir essa estrada.

Ao meu padrasto e amigo Severino Jose da Silva, homem honrando e que contribuiu de forma bastante incentivadora para que eu seguisse nessa caminhada.

A minha companheira Amanda de Oliveira Silva, pelo amor e companheirismo a mim dedicado nesta fase da minha vida, me encorajou com as suas palavras rumo ao meu objetivo, e ao me presentear com o meu filho Bryan Albert, o qual me fez acreditar nos sonhos ainda mais, por mim e por ele.

A minha Família, que ressaltou ser possível a realização desse sonho e poder chegar até aqui, compartilhar comigo desse sonho que com o passar dos anos se tornou de todos nós! E assim, conseguimos superar os obstáculos deste caminho.

Ao meu querido Avô (In Memoriam), Francisco Silvino, que sempre me apoiou e muitas das vezes fornecia dinheiro para os meus lanches diários na UEPB, suprimindo sempre minhas necessidades até chegar em casa, e ao meu querido Irmão (In Memoriam), Ismael de França.

Aos Professores do Curso de Geografia, que contribuíram para a minha formação profissional. Ao meu querido e amigo professor Daniel Gomes, por toda oportunidade a mim dada, por todos ensinamentos.

Aos meus caros amigos e companheiros de estágio, que sinto muito apreço, e que sempre me incentivaram a continuar na jornada acadêmica.

Aos momentos de alegria compartilhados durante esses anos de curso, e aos trabalhos realizados em grupo.

A todos os colegas de turma e funcionários da UEPB, pelo apoio e parceria, tornando o ambiente da universidade, aconchegante e alegre, para que assim, pudéssemos compartilhar saberes ao longo desse processo de estudo. Agradeço!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Alguns integrantes do bando de Lampião, época do Cangaço.	12
Figura 2 – Lampião em pose heroica.	199
Figura 3 – Bando de Lampião – Pinhão/SE (1929).	2020
Figura 4 – Imagem cartográfica baseado nos registros policiais das operações do Cangaço.	21
Figura 5 – Imagem cartográfica dos 7 (sete) Estados da região Nordeste onde passaram o bando de Lampião e Corisco.	22
Figura 6 – Lampião é capa do maior jornal francês. Agosto de 1938.	24
Figura 7 – Soldado provando que a cabeça era de Lampião.	28
Figura 8 – Imagem cartográfica do ataque a grota em 1938 por João Bezerra.	29
Figura 9 – Vaqueiro do Nordeste.	32
Figura 10 – Museu do cangaço inaugurado em 1988, por Expedita Ferreira filha de Lampião.	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	GEOGRAFIA CULTURAL: TERRITÓRIO ENQUANTO ESPAÇO DE DOMINAÇÃO	16
2.1	LAMPIÃO E O CANGAÇO NA REGIÃO NORDESTE	18
3	PAISAGEM DO MEDO NA REPRESENTAÇÃO DE LAMPIÃO E O CANGAÇO	23
4	O CANGAÇO COMO FORTE INFLUÊNCIA NO NORDESTE BRASILEIRO ...	30
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	35

SILVA, JOSÉ AUGUSTO FRANÇA. **PAISAGENS DO MEDO: REFLEXÕES SOBRE LAMPIÃO E O CANGAÇO, BREVE CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL.** TRABALHO DE CONCLUSÃO /DE CURSO (GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA), UEPB. GUARABIRA, 2022. **ORIENTADORA:** PROF^a. MS. MARIA ALETHEIA STEDILE BELIZÁRIO. **EXAMINADORES:** PROF. DR. BELARMINO MARIANO NETO. UEPB/CH/DG. (DOUTOR EM SOCIOLOGIA PELA UFPB) / ALBERTO DA SILVA FRANÇA – (GRADUADO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – UEPB).

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo, evidenciar um breve contexto a respeito do objeto de estudo a geografia cultural elucidando Lampião no Cangaço, essa fase historiográfica e por que não geográfica e cultural, que fez parte da região Nordeste do Brasil. Como também elucidar algumas reflexões sobre a paisagem do medo, de acordo com TUAN (2005), que a figura de Lampião e o *cangaceirismo*, fomentou em sua época. E quais influências podem ser citadas que repercutiram até os dias de hoje em nossa região, que embalsamaram esse contexto nordestino. Períodos esses que trouxeram o “medo” ou talvez a “braveza” do sangue nordestino. No *espaço vivido* podemos desbravar não apenas a geografia do local, mais também, a cultura, e dela tentarmos entender que aspectos levaram o seu contexto social se relacionar com o seu espaço. Nossos aportes teóricos e fontes de pesquisas, foram CLAVAL (1999 e 2002), FACÓ (1976), entre outros que fundamentaram nossa pesquisa, como também SANTOS (2018), um dos autores de alguns livros fotográficos, riquíssimo sobre o período de Lampião e o cangaço. Nossa metodologia está baseada no método qualitativo e de fonte bibliográfica e materiais de pesquisas, que serviram para enriquecer e aprofundar em nosso trabalho como futuros geógrafos e estudantes desta disciplina, nosso foco é aprimorar nosso conhecimento e evidenciar o que mais a geografia tem a nos oferecer. Conhecimento é o desbravamento do que podemos alcançar.

Palavras-chaves: Geografia cultural; Cangaço; Paisagem do Medo.

SILVA, JOSÉ AUGUSTO FRANÇA. **PAISAGENS DO MEDO: REFLEXÕES SOBRE LAMPIÃO E O CANGAÇO, BREVE CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL.** TRABALHO DE CONCLUSÃO /DE CURSO (GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA), UEPB. GUARABIRA, 2022. **ORIENTADORA:** PROF^a. MS. MARIA ALETHEIA STEDILE BELIZÁRIO. **EXAMINADORES:** PROF. DR. BELARMINO MARIANO NETO. UEPB/CH/DG. (DOUTOR EM SOCIOLOGIA PELA UFPB) / ALBERTO DA SILVA FRANÇA – (GRADUADO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA – UEPB).

ABSTRACT

This work aims to highlight a brief context about the object of study the cultural geography elucidating Lampião no Cangaço, this historiographical phase and why not geographic and cultural, which was part of the Northeast region of Brazil. As well as elucidate some reflections on the landscape of fear, according to TUAN (2005), which the figure of Lampião and cangaceirismo, fostered in his time. And what influences can be cited that have had repercussions in our region to this day, that embalmed this northeastern context. These periods brought the “fear” or perhaps the “braveness” of the Northeastern blood. In the lived space, we can explore not only the geography of the place, but also the culture, and from it we try to understand what aspects led its social context to relate to its space. Our theoretical contributions and research sources were CLAVAL (1999 and 2002), FACÓ (1976), among others that based our research, as well as SANTOS (2018), one of the authors of some photographic books, very rich on the period of Lampião and the cangaço. Our methodology is based on the qualitative method and bibliographic source and research materials, which have served to enrich and deepen our work as future geographers and students of this discipline, our focus is to improve our knowledge and highlight what else geography has to offer us.

Keywords: Cultural geography; Cangaço; Fear Landscape.

1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida desse trabalho é mostrar o quanto a Geografia Cultural é de grande valia para o nosso conhecimento. Evidencia-se principalmente os traços marcantes herdados em nosso território, seja pela cultura, etnia, raça, crenças, costumes e etc. Sob essa perspectiva, queremos transcorrer um pouco sobre a cultura e as tradições de um grupo social, que viveu há alguns anos no território nordestino, e conseguiu através de suas práticas relacionadas à paisagem e ao contexto social, político e econômico da época. traços peculiares como, por exemplo, sua índole, como se vestiam, e andam em sociedade. Esses aspectos são citados pela autora Machado (2010), que relata o modo de vida desse grupo de pessoas que marcou as gerações vindouras dos nordestinos no Brasil, ou seja, estamos falando do *Cangaço*:

Os cangaceiros, de um modo geral, gostavam de ser notados e admirados pelos sertanejos, quando entravam nas cidades. Apreciavam ouvir conversas quando não encontravam resistência e faziam, às vezes, rodas para contar suas proezas. – A par do perfume exagerado, que chegou até mesmo a servir de pista para a polícia, usavam grande quantidade de jóias [SIC], ostentando sempre riqueza. – Provavelmente para impor-se à sociedade sertaneja, as jóias e o alarde de suas proezas nas lutas contra os policiais, deviam constituir numa autovalorização para o grupo cangaceiro. (MACHADO 2010, p. 63).

Segundo Tuan (2005), discutiremos a paisagem de medo que esse grupo refletia para muitos, como também, a braveza dos que participavam do chamado Cangaço. Nesta via queremos direcionar nosso trabalho a Geografia Cultural, num viés da paisagem do medo, já que, essa via está entrelaçada no meio do cangaço vivenciado entre a década de 1930, no solo brasileiro. O autor citado acima, reflete um aspecto importante sobre esse viés, o que causa essa “força” a eles inserida, está na forma organizacional e o total de pessoas que formam determinados grupos, faz com que a ação desse “conjunto” assuma um domínio sobre o seu local, ou meio em que querem dominar. “A força está na quantidade e na organização. Ao agir em conjunto, as pessoas são capazes de dominar o meio ambiente local e de criar um mundo mais ou menos estável, no qual possam se sentir em casa.” (TUAN, 2005, p. 6)

Assim, sendo, qual a paisagem do medo que refletia a representação do “bando de lampião”? – Figura um tanto quanto conhecida no nordeste brasileiro dessa época. A imagem a seguir, retrata um pouco sobre sua cultura, e mostra à presença marcante do chamado “*bando de Lampião*” seus aspectos peculiares e suas vestimentas caracterizaram o *Cangaço* na época. As figuras representadas são algumas personagens que participavam do seu bando, podemos

ver o chapéu, parte do baluarte característico, como também, homens armados, em posição de guerreiros – para retirar a fotografia. Vejamos a (**Figura 1, p. 12**),

Figura 1 - Alguns integrantes do bando de Lampião, época do Cangaço. (1936)



FONTE: Foto de Benjamin Abrahão – (Álbum do cangaço, SANTOS 2018, Vol. I. pag.10)

Um ponto relevante que queremos tratar em nossa pesquisa, é sobre: quais traços do Cangaço mostram-se referentes a paisagem do medo? O que eles representaram em seu período de relevância na região Nordeste. Parte de sua convivência deixaram traços marcantes, por onde passavam. Traços esses – de medo, talvez? – O grupo por sua vez afugentava mulheres, como também as estupravam, saqueavam, entre outras coisas, traziam uma imagem de dominação de seu território. Os cangaceiros como eram conhecidos traziam uma imagem diferente a esse ponto para os populares da região – “Para muitos autores sociais, os cangaceiros são bandidos comuns, ladrões e latrocinas. Para os trabalhadores rurais e o povo das pequenas cidades interioranas, muitas vezes os cangaceiros personificam heróis ou justiceiros”. (BARROS 2010, p. 12).

Essa paisagem que o cangaço trouxe, também reflete um aspecto simbólico para o Nordeste brasileiro, como por exemplo: podemos citar as suas vestimentas, o chapéu usado pelo bando de Lampião, que se tornou um objeto para comércio, como também o símbolo do Nordeste brasileiro, as roupas de sertanejo, são características marcantes para a identificação

do próprio. No mais, o que queremos tratar nessa pesquisa é a importância da Geografia Cultural, o que ela desempenha como objeto de estudo. É relevante ressaltá-la, e dizer: que a Geografia é um campo de estudo amplo, onde podemos atuar e aprofundar-se de estudos, em diversas formas de pesquisas a partir desse escopo de análise. Para nossa fundamentação teórica utilizamos de autores como Claval (2002), que abrange um estudo importantíssimo sobre a Geografia Cultural, onde o mesmo cita que:

A abordagem cultural impõe a necessidade de repensar a Geografia Humana. Deste repensar nasce uma primeira ideia [SIC], aquela de que a Geografia Humana não pode ser totalmente desvinculada da cultura onde se desenvolveu, dado também válido para as demais Ciências Sociais, a Economia, as Ciências Políticas, a Sociologia, a Etnologia [...]. (CLAVAL, 2002, p. 20)

O autor supracitado, expressa que tanto a Geografia, como também as outras “Ciências Sociais” estão interligadas a cultura. É com esse olhar que queremos discorrer um breve contexto sobre a importância da Geografia Cultural como nosso objeto de estudo, e assim, poder desenvolver nossa pesquisa através deste âmbito, do mesmo modo, queremos também transcorrer um breve contexto sobre território enquanto espaço de dominação, e compreender que o território no qual o grupo de cangaceiros passavam, é refletido pela historiografia como um espaço de dominação tido por eles, ou seja, o território no qual eles se inseriram, tiveram um certo domínio sobre ele.

Para a nossa metodologia, utilizamos do cunho qualitativo, nossa pesquisa está embalsada em fontes teóricas que fomentam as posições geográficas culturais que nos possibilitaram destacar aqui alguns pontos relevantes sobre o movimento do cangaço ocorrido a partir da década de 30. Como também salientar que nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, onde percorremos por diversas fontes de registros gráficos, como também de acesso virtual. Autores que nos encaminharam para o discursar deste trabalho: Claval (2002, 1999), Facó (1976), Tuan (2005), entre outros que foram de extrema importância para que conseguíssemos levantar esses questionamentos e desenvolvimento da nossa pesquisa.

Nossa pesquisa está dividida em três pontos principais que serão transcritos nesse trabalho. O primeiro ponto, é retratado pela a Geografia Cultural e sua importância para o campo da Geografia, como também, algumas considerações a respeito do território enquanto espaço de dominação. O espaço cultural é sem dúvidas, um amplo campo científico para estudarmos e desbravarmos muitas pesquisas, até mesmo aquelas que resgatamos aos anos anteriores, como é o caso do *Cangaceirismo*, em que foi tratado em nosso trabalho, destacando a figura de Lampião e o Cangaço no Nordeste brasileiro, de que forma essa figura era vista e

que características que marcaram esse grupo de “homens maus” que configuraram por um período de tempo em nossa região.

O segundo ponto, a sequência regida é a paisagem do medo de acordo com Tuan (2005), na representação de Lampião e o cangaço. O grupo de cangaceiros trouxe para muitos populares da época o sentimento de medo, como retrataremos no relato vivenciado pelo cantor brasileiro, Luiz Gonzaga e sua família. Essa representação que se tem de Lampião e o grupo de cangaceiros reflete o medo e a reação das pessoas que viviam esse contexto levava ao alvoroço das regiões por onde lampião e cangaceiros passavam. Como cita o cantor, a população se amedrontava por causa da conduta extremamente sarcástica e de “banditismo” ocasionada por eles.

No terceiro e último ponto, discutiremos as questões norteadoras a respeito das influências deixadas em nosso território pelo Cangaço. Marcas de sua cultura e traços predominantes do sertanejo, tais marcas trouxeram – Influências ou não? – o fato é que ficou registrado na historiografia da região Nordeste, como símbolo do mesmo e herança cultural. Sobretudo, discutiremos pontos importantes ligados a Lampião e cangaço que marcaram essa região brasileira. Sobretudo, o cangaço ganhou notícia em todo o país, chegando até na Europa, como destacamos um recorte do jornal francês da época, no capítulo II, em que o Cangaço e Lampião viraram página de jornal internacional.

Portanto, compreender a Geografia pelo viés cultural, nos chamou a atenção para detalhes importantes do nosso espaço geográfico, que muitas das vezes estão intercalados e talvez até esquecidos... em alguns aspectos. Assim, o que queremos dizer é que, a Geografia Cultural não é apenas uma linha de pesquisa, ela também é importante para ampliarmos nossos horizontes e trazer suas relações para o ambiente escolar., fazendo com que o processo de ensino aprendizagem da Geografia cruze fronteiras e faça conhecido o trabalhar do contexto cultural em nosso espaço e território.

A Geografia Cultural é muito importante para os estudos de campo como futuros docentes. Já que essa disciplina não era tão bem-vista para muitos estudiosos do ramo da Geografia, ela só tomou um espaço maior no campo de estudo a partir de 1990 no Brasil, como uma vertente de pesquisa necessária. Apesar de que, muitas pesquisas dessa categoria já haviam sido realizadas a partir das questões culturais pertinentes a disciplina de Geografia, desde que ela, tornou-se parte do componente curricular das universidades nos anos de 1930. (CLAVAL 1999, p. 8).

O objetivo dessa pesquisa, segundo Lakatos (2003), está pautada a princípio nas fases de leituras da metodologia científica, ou seja, nas leituras informativas, visando as etapas *seletivas*

e *reflexivas*, por um lado, temos as “leituras seletivas”, onde trabalharemos as informações que confiamos mais importantes para nosso embalsamento teórico, e que julgamos mais adequadas para o enriquecimento do nosso trabalho. Assim a autora explicita: “**seletiva** - leitura que visa à seleção das informações mais importantes relacionadas com o problema em questão. [...]. A seleção consiste na eliminação do supérfluo e concentração em informações verdadeiramente pertinentes ao nosso problema; [...]”. (LAKATOS 2003, p. 22).

Por outro, lado utilizamos também de “leituras reflexivas”, essas leituras visam uma delicada avaliação a respeito das informações que discutiremos, e a que “intenções” ou “propósitos” do autor com essas informações. Para isso, abordaremos alguns autores que repercutiram essa temática como por exemplo: Facó (1976), Tuan (2005), entre outros, que foram importantes para ampliação do nosso trabalho. Assim, tratando desse aspecto em nossa pesquisa, como o autor supracitado afirma: “**reflexiva** - mais profunda do que as anteriores, refere-se ao reconhecimento e à avaliação das informações, das intenções e dos propósitos do autor. Procede-se à identificação das frases-chave para saber o que o autor afirma [SIC] e por que o faz; [...]”. (LAKATOS 2003, p. 22).

Nossa pesquisa teve como base o método qualitativo, onde trabalhamos alguns fatos relacionados a geografia cultural no seu espaço e tempo, relacionando o entendimento sobre os fatos ocorridos e evidenciados a respeito do cangaço na região Nordeste do Brasil. Este trabalho também visa o caráter da pesquisa metodológica. Assim como Xavier (2012), ressalta que esse tipo de pesquisa busca estudar e interpretar relações entre “passado e presente”. Dessa forma tentamos descrever nessas entrelinhas deste trabalho acadêmico um pouco sobre como esse espaço geográfico do cangaço esteve relacionado ao nosso presente. “É aquela que se preocupa em estudar os modos de fazer ciência, no passado ou no presente, para compreender e interpretar a eficácia e vantagens de um modo de investigar em relação ao de outro.” (XAVIER 2012, p. 45).

Esse trabalho também compreende a pesquisa bibliográfica, onde todos os nossos materiais e informações contidas neste documento, vem de um longo percurso sobre materiais gráficos, audiovisuais, por vias digitais e etc., para entendermos, sucintamente a respeito do contexto do cangaço em nossa região. Para Xavier (2012), essa pesquisa está baseada nas informações obtidas em materiais de cunho “gráfico”, “digitais” entre outros que se enquadram aos materiais bibliográficos. Portanto o autor supracitado explicita que a pesquisa bibliográfica está relacionada a: “[...] forma de investigação cuja resposta é buscada em informações contidas

em material gráfico, sonoro ou digital [...]. O pesquisador faz um levantamento de trabalhos já realizados sobre um determinado tema e cataloga-os a fim de rever, reanalisar, reinterpretar e criticar procedimentos técnicos e pontos de vista teóricos [...]”. (XAVIER 2012, p. 48).

2 GEOGRAFIA CULTURAL: TERRITÓRIO ENQUANTO ESPAÇO DE DOMINAÇÃO

Inicialmente, vamos abordar um pouco sobre a relevância da Geografia Cultural, e como seu escopo de análise é importante para o conhecimento geográfico no ramo de futuros docentes da geografia. Uma das competências da Geografia é instigar o indivíduo a ampliar seus olhares, percebendo a grandeza de estudo que esse campo fornece, a nós, como pesquisadores e estudantes dessa área de conhecimento. A priori, acreditamos servir de grande valia o conceito da *fenomenologia*¹ para pesquisas neste engajamento cultural. Segundo os autores Nascimento e Costa (2016, p. 44), esse objeto de estudo apesar de não ser tão relevante em pesquisas deste campo, tem levado pesquisadores dessa área cultural da Geografia, como também a “Geografia Humanística” a tenderem para esse ramo fenomenológico. Desta forma os autores supracitados comentam que:

[...]. Ela surge pela necessidade de inovações e diferentes problematizações que são postas no cotidiano, direcionando fatos geográficos mais significativos na atualidade e que exigem novas perspectivas de interpretação. Esta tendência, através da abordagem fenomenológica, tem como foco relacionar numa visão antropocêntrica do mundo, o homem e seu espaço ou, mais genericamente, o sujeito e o objeto. Ela vem para trabalhar com a experiência, ou seja, o espaço vivido e existencial do indivíduo, que serão considerados sobre diferentes perspectivas, principalmente os valores que o indivíduo adquire no cotidiano. (NASCIMENTO e COSTA 2016, p. 44).

Desse modo, transcorreremos também um ponto importante a ser discutido nessa pesquisa a questão do *território enquanto espaço de dominação*, o conceito que se tem de espaço, por essa via compreendemos que o conjunto dessas ações para formar o espaço desencadeiam princípios que levam o indivíduo. A determinados comportamentos em meio a sociedade de seu tempo e espaço. Santos (2006), ressalta que o espaço adquire formas de acordo com as

¹ (fenomenologia) – Segundo Silva (2015, pag. 15), a fenomenologia é compreendida como: “A partir do pensamento de Edward Relph entende-se que a fenomenologia enquanto método não se preocupa [SIC] em explicar os fenômenos, mas em descrever, e em última análise interpretar os fenômenos a partir das experiências do homem, experiências essencialmente geográficas.”

necessidades sociais: “No espaço, as formas de que se compõe a paisagem preenchem, agora no momento atual, uma função atual, como resposta às necessidades atuais da sociedade. Tais formas nasceram sob diferentes necessidades, emanaram de sociedades sucessivas,” (SANTOS 2006, p. 67). Portanto, Milton Santos (2006), fala sobre o conceito de espaço:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, [...]. (SANTOS 2006, p. 39)

Ao entendemos, um pouco sobre essa perspectiva de espaço, reforçaremos o viés de território enquanto um espaço de dominação, as autoras Dantas e Morais (2008) ressaltam as definições que se tem de território. Assim, sobre as abordagens de cunho “jurídico, social e cultural”, um dos elementos que retratamos em nossa pesquisa. Ressaltam principalmente, um ponto em que queremos evidenciar nessas entrelinhas, a questão da *dominação* do espaço. A sociedade desempenha um papel de “apropriação” “dominação” do espaço em que está inserido. Por esse viés, acreditamos que o *Cangaço* desempenhou esse papel intrínseco em seu território, enquanto espaço de dominação, os grupos de cangaceiros de certa forma se apropriaram do espaço, tentando dominar com seus estilhaços de “poder” sobre a população da época.

No âmbito da própria Geografia, as diferentes definições de território atestam essa condição, cujos sentidos variam de uma abordagem jurídica, social e cultural, e mesmo afetiva, cuja problematização se ancora em aspectos vinculados a relações que a sociedade estabelece com a natureza, mediadas por mecanismos de apropriação, dominação, ocupação ou posse de uma fração do espaço. (DANTAS e MORAIS 2008, p. 5)

A Geografia cultural vem para mostrar a relevância que a pesquisa de campo tem sobre o conhecimento disciplinar no ramo docente, como também a sua importância para os estudos de pesquisa da disciplina de Geografia, como indivíduo e sociedade. É sob esse conhecimento que apresentaremos um breve contexto geográfico cultural de um personagem da nossa história brasileira que de certa forma fomentou a cultura nordestina e embalsamou a história brasileira. Vamos falar da representação de Lampião e a “paisagem do medo” que o próprio eclodiu no período em que viveu na região Nordeste.

A esse respeito, discorreremos mais sobre o assunto no decorrer desse trabalho sobre esse aspecto de paisagem do medo – O medo, é algo do convívio do ser humano; é algo que é

“produzido” por um “meio ambiente” que as vezes aterroriza e outras vezes não; o medo, pode ser refletido por determinados contextos do indivíduo (TUAN 2005, p. 1). Para isso, é valioso ressaltar na Geografia essa questão cultural, já que a sociedade convive com esse fator o “medo”. Assim como o próprio Claval (1999) desprende:

Portanto, os geógrafos brasileiros que se interessam pela abordagem cultural têm diante de si um imenso terreno para trabalhar. Os caminhos que seguem são múltiplos. A cultura material atrai aqueles que buscam fazer reviver os modos de vida do passado, seus instrumentos e seus *savoir-faire*, ou as formas de habitat às quais estavam ligados. [...]. (CLAVAL, 1999, p. 23).

A Geografia Cultural aborda essas questões norteadoras a respeito dos “modos de vida do passado”, os quais estão intrinsecamente junto a questão cultural de um meio social. O tópico a seguir, vai abordar uma pequena parcela desse terreno cultural em nosso território nordestino. Como o autor citado acima ressalta, a grandeza e caminhos que a “cultura” pode revelar para nossa geografia, como também a importância de interesses a respeito do que podemos encontrar como fonte de material nesse “reviver os modos de vida do passado” (CLAVAL, 1999, p. 23).

2.1 LAMPIÃO E O CANGAÇO NA REGIÃO NORDESTE

Diante desse tema relevante gostaríamos de ressaltar algumas explicitações sobre o termo determinante chamado de *Cangaço*, de acordo com Facó (1976, p.15), em seu prólogo no livro intitulado “Cangaceiros e Fanáticos”, ressalta a respeito do termo – cangaceiros – refere-se a participantes de um determinado grupo do sertão, onde suas prioridades eram “viver de assaltos”, esses indivíduos eram conhecidos no sertão do nordeste como *cangaceiros*. Entre meados do século XIX e XX, uma grande desordem nas áreas econômica, ideológica como também política, percorreram o interior do Brasil, desencadeando uma série de crises no Brasil, juntamente com elas, desencadeou o *Cangaceirismo* até aproximadamente o final da década de 30. Para Facó (1976), esse período de crises políticas no Brasil, fez com que surgisse alguns movimentos, um deles foi o “Banditismo”. Para isso, o autor expõe que:

Que foram Canudos, Juazeiro, o Contestado, Caldeirão, Pau de Colher, Pedra Bonita, que precedeu a todos, com traços mais ou menos idênticos, ao lado do cangaceirismo, que se prolongou até os fins da década de 30? Para a nossa história têm sido encarados como fenômenos extra-históricos. “Banditismo”, “fanatismo” são expressões que os resumem, [...]. (FACÓ 1976, p. 21).

Como falar de Nordeste e não falar dessa figura típica popular, e porque não dizer “uma espécie figura pública”. O famoso e conhecido Lampião! na imagem a seguir, veremos o próprio Lampião. Destaque em nosso território brasileiro. Lampião, foi um dos ícones marcantes no Cangaço, temido por muitos e admirado por poucos, há quem diga que o próprio era um emblemático *guerreiro do sertanejo*. A fotografia do mesmo, no que diz respeito a sua pose heroica (SANTOS 2018, p. 15). Vejamos a (**Figura 2, p. 19**):

Figura 2 – Lampião em pose heroica.



FONTE: (Álbum do cangaço, SANTOS 2018, Vol. 2. p.15)

Para Santos (2018), um dos apaixonados pelas relíquias e fotografias da época do cangaço traz uma seguinte reflexão quanto ao bando de Lampião: “Lampião e o seu bando foram de longe os cangaceiros em atuação mais bem retratados de toda história nordestina.” (SANTOS 2018, p. 5). Como tais, o grupo de Lampião em toda a sua historiografia, é lembrado até os dias

atuais, seja pela marcação da paisagem do medo, o grupo que aterrorizavam as pequenas cidades do sertão nordestino, ou, por sua bravura e não-aceitação do sistema em que viviam. onde destaca-se o conhecido “bando de Lampião”. Vejamos a (**Figura 3, p. 20**):

Figura 3 – Bando de Lampião – Pinhão/SE (1929)



FONTE: Foto de Joãozinho Retrartista - (Álbum do cangaço, SANTOS 2018, Vol. I. p.20)

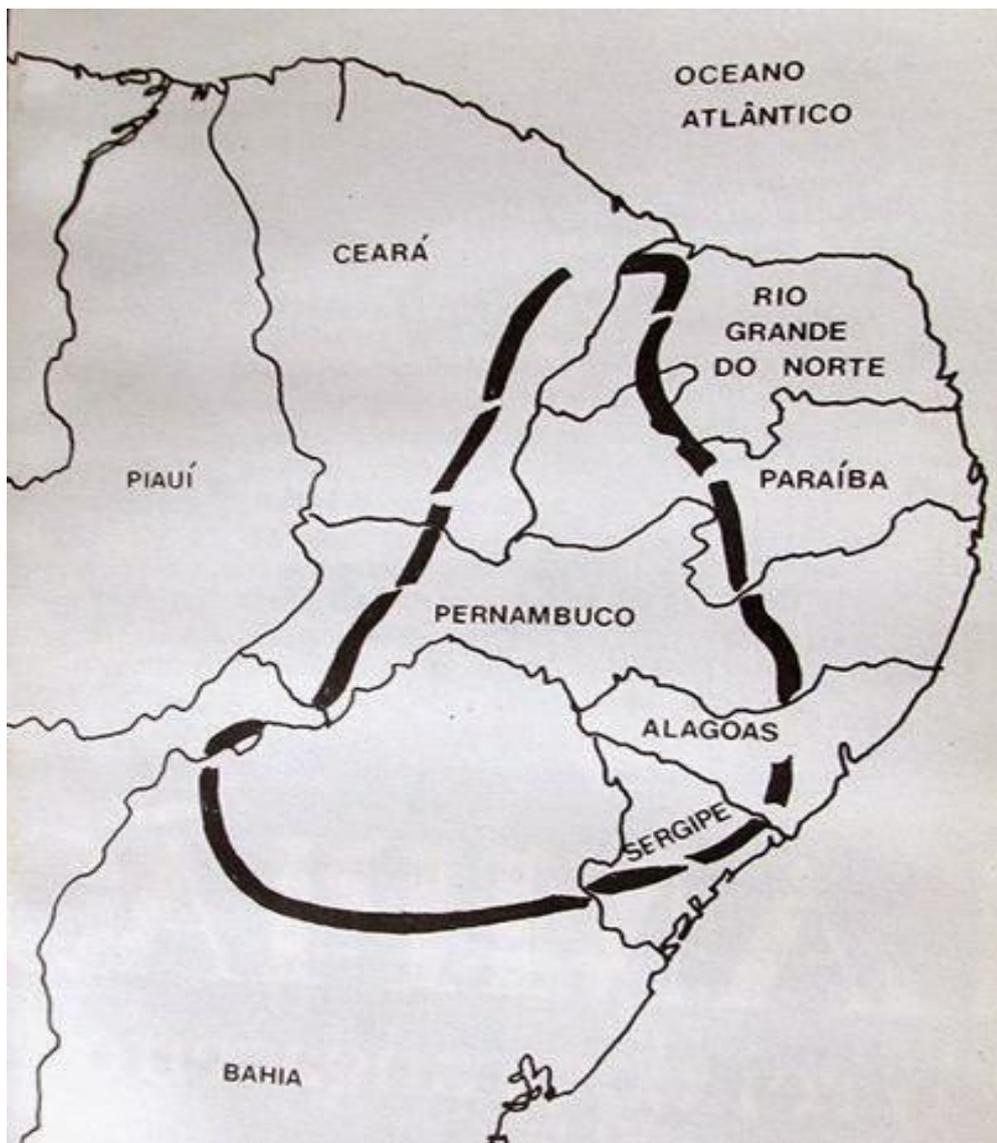
O Cangaço se instaurou no Nordeste brasileiro, e com ele o cangaceiro mais temido da região conhecido como Lampião. Sua imagem cravava para a população de sua época, um sentimento medo ou talvez até de “superstição”. Já que era conhecido como “corpo fechado”, os sertanejos de seu tempo acreditavam nessa intenção, a busca pelo tal, era demasiada sem sucesso. Conforme, Clemente (2018):

Os sertanejos têm a superstição de que Lampeão [SIC] tem o ‘corpo fechado’, que não há bala que o alcance, nem armadilha que o colha. (...) eu não sou sujeito a superstições (...), no entanto, estou meio convencido de que o bandido tem mesmo estrela. (...) quando entreguei o comando ao tenente Liberato tinha a impressão de que Lampeão estava perdido. Pois não é que ele conseguiu furar o malho da rede? Eu quase vim convencido de que os sertanejos têm razão... (DIÁRIO DA BAHIA: 30 DE MAIO, 1931 – APUD de CLEMENTE 2018, p. 5)

O *Cangaceirismo* surgiu como um movimento de grupos relutantes especificamente na região Nordeste do país, para pontuarmos alguns dos estados em que o Cangaço se instaurou

mais fortemente, estacam-se os estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe, perpassado também pelos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Bahia. Esse percalço está bem pontuado no mapa anterior, mostrando um mapa em que os policiais se basearam para obter registros dos movimentos do cangaço, em que Lampião era o ícone principal de atuação sobre essas regiões no início da década de 30, por volta dos anos de 1930. (PEREIRA, 2014 – Blog do Mendes & Mendes). Ver (**Figura 4, p. 21**):

Figura 4 – Imagem cartográfica baseado nos registros policiais das operações do Cangaço.

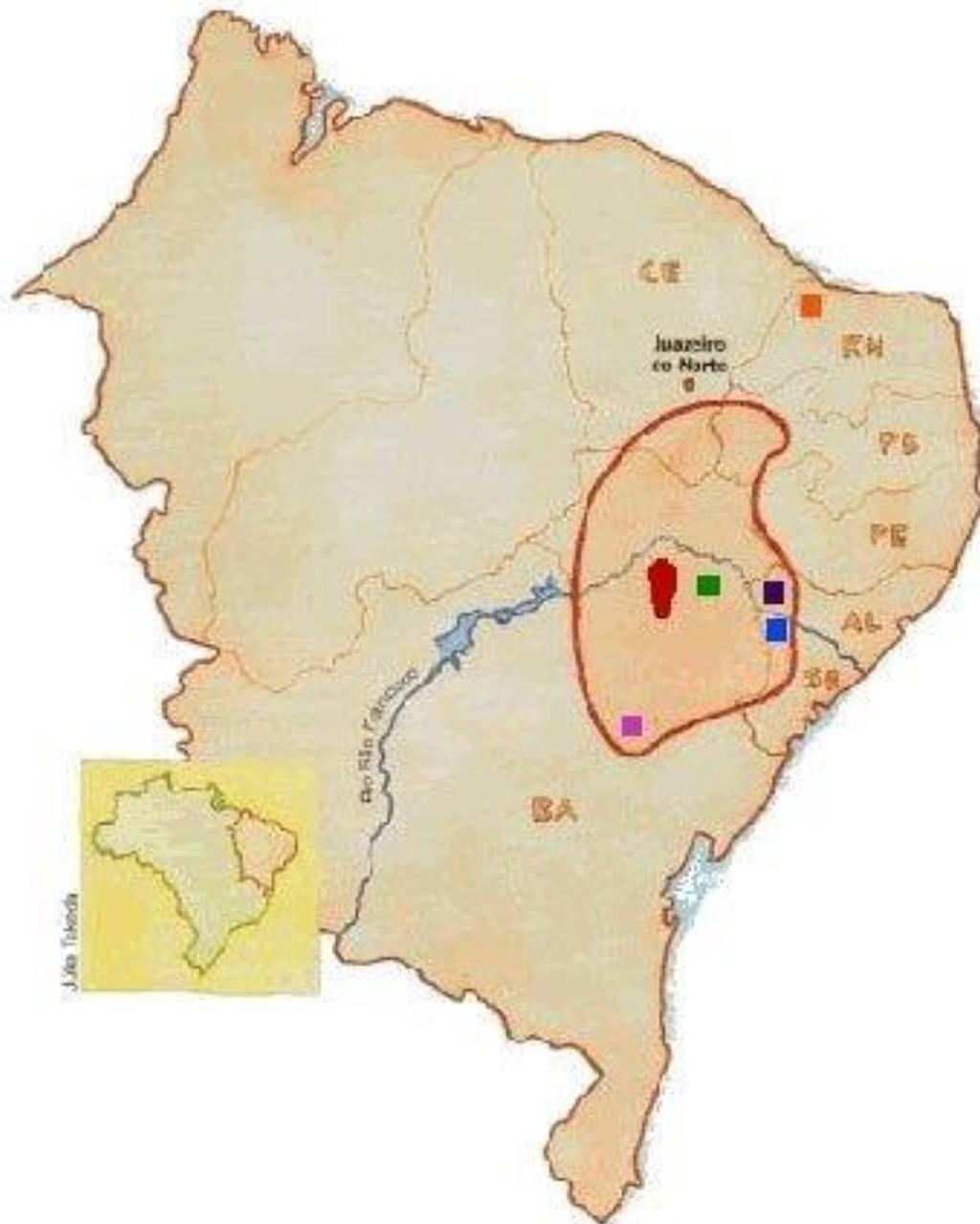


FONTE: Biblioteca Nacional – Antônio Corrêa Sobrinho – Blog do Mendes & Mendes

Segundo Bencini (2000), dois grupos de cangaceiros espalharam-se por 7 (sete) estados brasileiros, os tais bandos, foram os do grupo de cangaceiros de Lampião e Corisco; espalhando medo por duas décadas, onde percorriam especificamente o sertão nordestino e causando assim muitas mortes e pânico. O estado do Rio Grande do Norte, também foi visitado pelo bando de

Lampião no ano de 1927, onde o qual não foi recebido com bons olhos. Assim a autora supracitada cita que: – “Mossoró (RN): em 1927 o bando de Lampião foi rechaçado pelos moradores e nunca mais voltou ao Estado.” (BENCINI 2000 – Blog Nova Escola). A seguir, veremos esses sete estados bem destacados na região Nordeste. (**Figura 5, p. 22**):

Figura 5 – Imagem cartográfica dos 7 (sete) Estados da região Nordeste onde passaram o bando de Lampião e Corisco.



FONTE: Roberta Bencini, 01/02/2000 – (Blog Nova Escola)

Portanto, é necessário concluir que os registros e diversas pesquisas realizadas ao longo dos anos sobre essa temática, fomentaram a ideia de que Lampião a figura enigmática do cangaço, juntamente com os diversos grupos envolvidos nesse movimento entraram para a

historiografia do Brasil. Por seus feitos inescrutáveis e cruéis. E que marcaram a do Nordeste. Isso, com toda a certeza levou a população da época ao sentimento de medo que pairava sobre as cidades que o grupo aterrorizava, e ainda mais as autoridades da época a se envolverem de forma tão demasiada sobre o momento em que enfrentaram o *Cangaceirismo*.

3 PAISAGEM DO MEDO NA REPRESENTAÇÃO DE LAMPIÃO E O CANGAÇO

Para iniciarmos esse capítulo, citaremos algumas considerações sobre essa representação que é, e pode se manifestar como a “Paisagem do Medo”, podemos refletir sobre as repercussões extraídas por essa representatividade do cangaceiro Lampião como também seu “bando” e demais cangaceiros que amedrontavam as regiões por onde passavam. Na tentativa de espalhar esse sentimento de medo! – A partir desse contexto, entendemos que esse grupo desestabilizava o controle de paz do ambiente populacional em que estavam inseridos, seja ele, de forma “mental ou material”, isso de certa forma, representava a paisagem de medo pelas regiões por onde esses grupos comandavam. Para Tuan (2005), a paisagem do medo é definida da seguinte maneira:

O que são paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (TUAN, 2005, p. 4).

Para alguns estudiosos sobre essa perspectiva, Guimarães (2018), ressalta uma abordagem sobre a paisagem do medo, em se tratando das “experiências humanas” e nos contextos distintos que se pode vivenciar, seja individual ou em conjunto, histórico ou cultural, essa perspectiva é importante para buscarmos saber mais sobre essa representação de “paisagem”, e voltarmos nosso conhecimento sobre essa temática. Assim a autora anteriormente citada observa:

[...], observamos que o estudo das paisagens de medo factuais ou através da literatura, torna-se significativo ao buscarmos um conhecimento mais profundo sobre as experiências humanas em diferentes realidades vividas, ambientadas em situações extremas ou não, seja em função das percepções derivadas da perspectiva experiencial individual e/ou coletiva, ou das relações decorrentes das tentativas de posicioná-las em marcos ou contextos histórico-culturais. (GUIMARAES 2018, p. 84)

Assim, a representação de Lampião – (integrante, e uma das figuras mais conhecidas do período do Cangaço brasileiro), no qual teve sua parcela histórica inserida na cultura regional e por que não dizer, também nacional, inclusive sua notícia percorreu até ao estrangeiro. Tornando-se destaque no jornal da França, no ano de 1938, pelo folheto da Paris-Soir,). A figura de “cangaceiro” do próprio, não apenas configurou as relações de poder de um pequeno grupo da região Nordeste do país, como também, deixou fortes marcas de representação nessa região brasileira, e conseqüentemente na cultura do Brasil. Como mostra a (Figura 6, p. 24)

Figura 6 – Lampião é capa do maior jornal francês. Agosto de 1938.



FONTE: Fotografia – (Álbum do cangaço, SANTOS 2018, Vol. 1. p.23)

Assim, entendemos, que muitos do grupo de cangaceiros, em especial a figura do famoso Lampião, como fomentam os autores supracitados, adotaram para si uma conduta de vida

estabelecida em suas próprias regras, vinculados a barbárie sangrenta e intitulada de “os fora da lei”. Isso, talvez provoque em nós, ao percorrer por todo esse contexto expresso na cultura nordestina – Uma indagação... sobre o que queriam? Será que defendiam o que chamavam de “seus direitos”? Acreditamos, que a resposta está, na expressão política de sua época, isso de certa forma provocou em si próprios a chamada “justiça com as próprias mãos”, vindos das camadas das zonas rurais, cercadas por grandes secas e longos períodos de estiagem (caatinga bioma da região Nordeste do Brasil), e condições de vida precárias, provocaram nos tais grupos, esse itinerante comportamento perante a sociedade de seu tempo. A representação de Lampião revela uma figura de imposição de medo. Assim como Barros (2010) apud de Hobsbawm (1975), fomentam essa ideia de que:

[...] os cangaceiros se enquadrariam na categoria dos Bandidos Sociais, visto que em sua quase totalidade, estes homens que adotavam a vida nômade, “sem lei e sem rei”, provinham de um ambiente rural, sendo parte de um seguimento social representados por agricultores, vaqueiros, feirantes e artífices da arte do couro (como foi o caso de Lampião). (BARROS 2010, p. 21, apud de HOSBAWM 1975).

Portanto, esse tipo de comportamento social, a representação de Lampião como parte de cangaceiros (grupo de pessoas que praticavam atos violentos em seu tempo), focados sobre o que estabelecem de leis para si, são levados pela criminalidade de sua época, e provocam na população deste período um grande apavoramento, e por que não dizer: medo! – Para Tuan (2005), o medo é definido como um “sentimento”, ou seja, esse sentimento tem uma compreensão mais ampla a esse respeito, e nele se diferenciam dois aspectos, o primeiro “sinal de alarme”, é quando se depara com algo que não esperava, e o impulso é fugir; e o segundo a “ansiedade”, é uma sensação estilhada do medo, é o “pressentimento de perigo”, quando não o existe ao seu redor. Portanto, “O que é o medo? É um sentimento complexo, no qual se distinguem claramente dois componentes: sinal de alarme e ansiedade. [...]”. (TUAN 2005, p. 3).

A região Nordeste também conhecida como um povo religioso, onde em sua maioria pertencentes a religião católica. O grupo de cangaceiros não só apavorava os habitantes das cidades do estado do Ceará, Sergipe e Pernambuco, como também os templos religiosos católicos como cita o autor Facó (1976): “É conhecido o episódio do assalto a igrejas no Recife e da quebra de objetos do culto pela multidão. Nos municípios de Acarape e Quixeramobim, no Ceará, registra-se também, nos anos de 1874-1875, a invasão de templos católicos, e aí são rasgados livros de atas e quebrados móveis.” (FACÓ 1976, p. 40). Quando se ouvia falar sobre

os cangaceiros as pessoas das cidades se amedrontavam. Esse fato é expresso no relato do saudoso *Luiz Gonzaga*², numa reportagem audiovisual³ (vídeo) publicada por Cabral (2017), no canal do Youtube, onde transcrevemos o diálogo da entrevista o mais fiel possível. Vejamos a seguir essa transcrição:

Entrevistador: As fantasias, as coisas que marcaram sua infância... ser menino? **Luiz Gonzaga:** Ah! Foi Lampião! Foi Lampião, porque eu ouvi falar que ele tocava *fole*⁴. Ele não tocava bem, mas no grupo tinha um tocador, e quando pegava na sanfona era uma desafinação *danada [linguagem coloquial]*. Mas, quando vi aquele retrato de Lampião nos jornais. Eu sabia que minha mãe odiava Lampião. Eu começo a insultar minha mãe. – Olha mãe que homem bonito! Mas, eu amo esse homem. – ([...], tais conversando moleque... Isso é um bandido cangaceiro mata gente.) – Mata nada... Isso é um homem bonito demais! – **Entrevistador:** Já me contaram, que você uma vez recebeu uma corça por causa de Lampião, é verdade? – **Luiz Gonzaga:** Foi daqui mesmo do *Araripe*⁵. Eu tinha muita vontade de conhece-lo. Aí correu uma notícia de que ele ia passar aqui em demanda do Juazeiro do *Padre Cícero*⁶, que ele era devoto do Padre Cícero. Quando disseram que era hoje, [...] tanta mentira... Aí minha mãe correu com a gente para os matos. – E eu reclamava, queria ver o homem. A única oportunidade de ver o homem, era hoje... era agora... vai passar aqui e todo mundo nesses matos aqui. Eu fiquei revoltado. Ai... ficamos por ali, dormimos, quando foi no dia seguinte, minha mãe! Pensou...matutou... Será que Lampião já passou? – Hora se passou... Passou mamãe! – Como é que tu sabe Luiz? - Ora se ele iria passar ontem, ele já passou, [...] – Tu tem coragem de ir lá ver ele? – Eu digo: *Eu tem*⁷! ‘Ai corri pra cá’. Ver se Lampião já tinha passado. Quando eu cheguei aqui, todo mundo já tinha voltado, tinha se arrependido...E todo mundo tinha dormido em casa, menos nós! Aí eu voltando lá para *Quixabeira*... Ia todo revoltado, inconformado! Aí quando eu cheguei assim... uns... uns... 50 metros. Uns 100 metros! Eu disparei... ‘Corra gente!’ Corra! Que Lampião vem aí! E... menino... cheguei debaixo da quixabeira, que olhei assim... minha mãe muito esperta. Ai, ela me agarrou. – Moleque sem vergonha! Quando ela me agarrou meus irmãos e minhas irmãs, *baixaram o pau!* – Levei maior pau... por causa de Lampião e não vi o homem! (CABRAL (2017) – Transcrição da reportagem de por meio audível. [**grifos nossos**].

² (Luiz Gonzaga) – Cantor e compositor da música brasileira no ritmo forró, peculiaridades da região Nordeste do Brasil – famoso pelo seu legado de poesias em suas composições a respeito do cenário nordestino. [**grifos nossos**].

³ (reportagem audiovisual) – A reportagem publicada no Youtube por Raul Cabral em 2017, é entrevista datada da época que o cantor Luiz Gonzaga ainda era vivo, a morte do cantor foi no ano de 1989. (FRAZÃO, 2020 – Blog: EBIOGRAFIA). Porém a entrevista não expõe a data que ocorreu a reportagem. Mas, pontuamos ser que a entrevista ocorreu no período em que o cantor ficou bastante conhecido no Brasil, por suas canções, já no auge de sua idade mais ou menos entre os seus 70 anos. [**grifos nosso**]

⁴ (fole) – De acordo com o site: Britannica Escola, fole faz parte da sanfona – “O instrumento consiste de um fole preso entre duas caixas acústicas de madeira (ou plástico) contendo fileiras de palhetas metálicas.” (Site disponível nas Referências).

⁵ (Araripe) – Cidade do Estado do Ceará [**grifos nossos**].

⁶ (Padre Cícero) – Uma autoridade pertencente a instituição da religião Católica, denominada: Padre – que também vivenciou o período do *Cangaceirismo* no Nordeste. No qual a figura de Lampião tinha muito apreço. [**grifos nossos**]

⁷ (Eu tem!) – Parte da transcrição – pertence a **linguagem coloquial** do cantor Luiz Gonzaga. É uma linguagem usada no dia a dia, determinada por informal da língua. (Observação: a transcrição da entrevista foi escrita conforme a fala regional do cantor Luiz Gonzaga. [**grifos nossos**].

No relato de Luiz Gonzaga, através da entrevista publicada no vídeo por Cabral (2017), vimos que, a cidade apavorava-se, quando ouvia falar de Lampião, pois um fato era conhecido em sua época. Fato esse, que os grupo de cangaceiros passavam pelas cidades causando maior alvoroço e medo. A entrevista relata a história contada pelo cantor Luiz Gonzaga, como vivenciou esse alarmante rumor da época, com sua família. Num momento de descontrole emocional acabou-se envolvendo em confusão quando mentiu sobre a chegada de Lampião em sua cidade, e acabou levando uma lição, de sua mãe e seus irmãos. Por causa do famoso Lampião.

No trecho transcrito acima, a entrevista se dar com Luiz Gonzaga relatando uma conversa com sua mãe, a respeito dessa figura de Lampião. E o quanto ele o admirava. A transcrição foi feita por meio audível com uma linguagem bastante coloquial. Expondo o contexto da fala do vídeo o mais fiel possível da linguagem ouvida e relatada por Luiz Gonzaga em sua entrevista. Portanto, podemos dizer, que apesar da falsa notícia da passagem de Lampião em sua cidade, percebemos o grande vexame que foi vivenciado a partir desse relato, sua família temerosa do que podia acontecer, saíram da sua casa e abrigaram-se nas matas ao redor de sua residência. Para firmar esse relato vivenciado pelo cantor, em Facó (1976), esclarece um pouco o que esse grupo de cangaceiros causavam ao passar pelas cidades. E principalmente, há quem diga que, o policiamento da época também praticava as mesmas crueldades que os grupos de cangaceiros:

Tem-se opinado também que o cangaceirismo [SIC] advinha da ausência de policiamento nas regiões interioranas profundas. Todos os fatos provam o contrário: quando a polícia apareceu para combater o cangaço, teve o mérito de exacerbá-lo. Por todo este interior do Brasil, onde quer que a polícia tenha chegado para perseguir cangaceiros ou “fanáticos”, praticou contra as populações rurais crimes mais hediondos do que os cangaceiros mais sanguinários. A primeira coisa que fez foi colocar-se incondicionalmente a serviço de um dos potentados locais, a serviço, portanto, de suas intrigas, seus ódios, suas perseguições. [...]. Enquanto os cangaceiros andavam de preferência nos matos, a polícia percorria cidades, vilas e povoados, cujos habitantes muitas vezes fugiam à sua aproximação. (FACÓ 1976, p. 36)

Portanto, compreendemos como o autor supracitado insita que, os habitantes das regiões por onde o *Cangaceirismo* predominava, muitas das vezes eram submetidos a fugir de suas localidades. Havia de certa forma, entre cangaceiros e policiais da época, uma semelhança em suas práticas de combate ao que acreditavam ser correto. Muitas das vezes, as práticas de policiamento frente as comunidades de habitantes, se igualava aos tais atos cruéis dos próprios cangaceiros, ou, ah! quem diga! Que seriam piores que os crimes sangrentos praticados pelo cangaço. Assim, os únicos que sofriam com esse chamado “banditismo” da época, era a

população que estava emergida no caos do medo, as regiões mais atingidas com esse movimento de poderio do período, ficava à mercê da insegurança pública.

A imagem a seguir, estabelece uma ideia obscena da época, não só evidencia os tipos de crimes que eram cometidos pelos grupos de cangaceiros. Mas, também tais atos horrendos praticados pelos próprios policiais em questão, o orgulho em capturar Lampião e como troca de moeda lhe punir com os mesmos atos violentos praticados pelos cangaceiros. Na imagem a seguir, retratara que os próprios policiais também praticavam tais atos obscenos iguados aos atos sangrentos dos grupos de cangaceiros. Como cita Facó (1976), “[...]. Com os cangaceiros, cortavam-lhes [SIC] a cabeça quando mortos em combate. Aprisionados, eram em geral fuzilados sumariamente e só conduzidos para a cadeia quando se tratava de um ou outro nome conhecido, [...]” (FACÓ 1975, p. 36). Veja a (**Figura 7, p. 28**):

Figura 7 – Soldado provando que a cabeça era de Lampião.



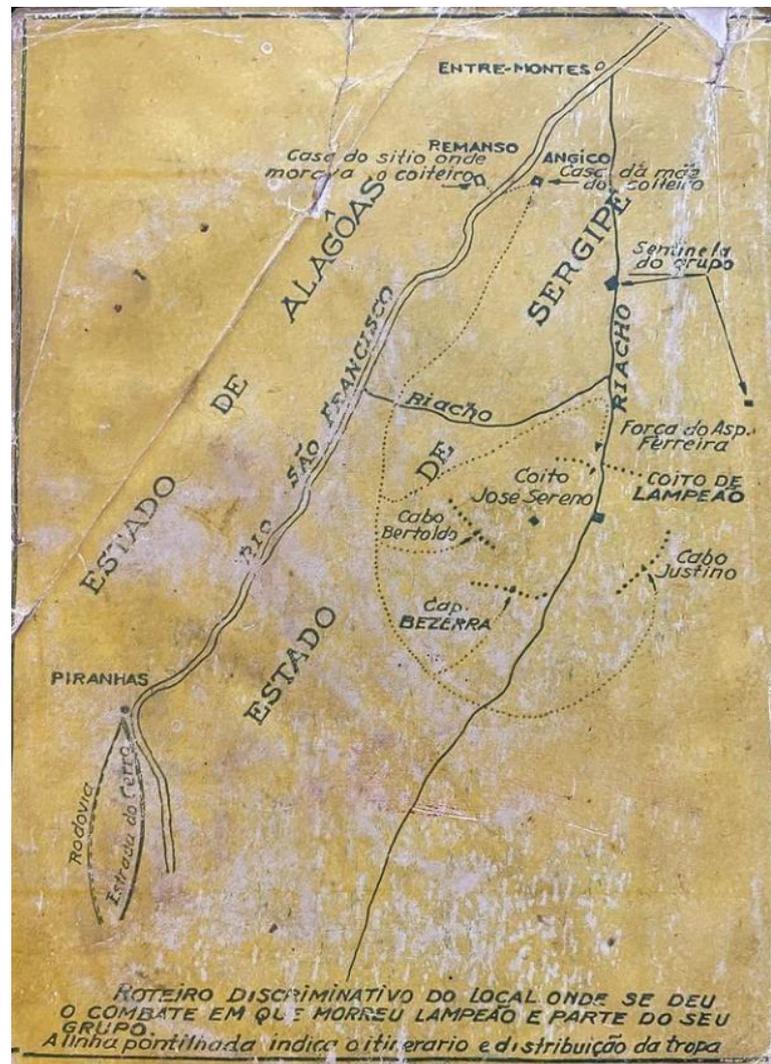
FONTE: Santana do Ipanema – AL (1938) – (Álbum do cangaço, SANTOS 2018, Vol. I. p. 21)

Ainda sobre a imagem da (**Figura 7, p. 27**), também retrata a morte da figura de um dos homens mais temidos da região Nordeste de sua época, como prova da morte de Lampião – a

imagem mostra a figura de um soldado (polícia da época), segurando a cabeça do próprio cangaceiro, em suas mãos. Segundo Santos (2018), uma das datas mais importantes do período do cangaço brasileiro, é sem dúvidas, a data da morte de Virgulino Ferreira, (vulgo) conhecido como – Lampião, no ano de 1938, mais precisamente do dia 28 de julho deste mesmo ano.

A morte foi ocasionada por uma emboscada do tenente João Bezerra e seu volante (grupos de soldados), realizada na grota de Angico/SE. Esse contexto é relatado por SANTOS (2016), em um de seus vídeos sobre a morte de Lampião e algumas especulações a respeito de como de fato ocorreu sua morte. Em umas das páginas de redes sociais: “O Cangaço na Literatura” pelo pesquisador Santos (2018), encontramos o mapa, que destaca esse ataque a grota (local onde ocorreu a morte de muitos cangaceiros inclusive a morte de Lampião), no ano de 1938. A imagem a seguir, detalha como foi desencadeado o percurso que levou ao local de refúgio do grupo de cangaceiros do famoso Lampião, (**Figura 8, p. 29**):

Figura 8 – Imagem cartográfica do ataque a grota em 1938 por João Bezerra



FONTE: Instagram: @ocangaonaliteratura – Robério Santos, postagem dia: 13/03/2022.

No demais, concluímos que o período do cangaço após a morte de Lampião em 1938, resistiu por um curto período de tempo, entre meados de 1940, com a presença de Corisco outro temente cangaceiro do período e suas crueldades. Também morto posteriormente, marcando assim, uma era violenta e sangrenta de “justiças e injustiças” realizada de ambos os lados do cangaço e dos soldados da polícia da época. (SANTOS 2018). Assim, para concluirmos com nossa pesquisa, discutiremos a seguir sobre o cangaço e algumas influências que puderam ser destacadas na região do Nordeste brasileiro.

4 O CANGAÇO COMO FORTE INFLUÊNCIA NO NORDESTE BRASILEIRO

Ao atentarmos o olhar para esse capítulo, em meio ao complexo vivenciado pela população no período do *Cangaceirismo*, não podemos deixar de falar a respeito de suas marcas e influências deixadas na região Nordeste. Influências essas, que, marcaram todo o contexto nordestino, seja pela cultura, economia e até mesmo nos aspectos sociais vivenciados pelos nordestinos. De acordo com Claval (2002), o contexto cultural na geografia, toma dimensões maiores no decorrer dos tempos, pois tanto no aspecto econômico, social e político são modificados a partir do espaço em que estão inseridos, ou seja, esses aspectos fazem parte em conjunto com o contexto cultural no qual vivenciam. Dessa forma o autor explicitado anteriormente cita que:

O econômico, o político e o social nunca existiram como categorias imutáveis e independentes do espaço onde se encontram. Elas dependem da cultura no seio da qual funcionam. São exemplos desta constatação o desenvolvimento de estudos sobre: a dimensão cultural do consumo, no campo da geografia econômica e da economia; a governabilidade nas Ciências Políticas. [...]. (CLAVAL 2002, p.20)

Neste capítulo, trataremos a respeito do que acreditamos ser possível tais influências trazidas pelo contexto do *Cangaceirismo* sobre a região Nordeste. Fato esse que é conhecido a respeito da braveza em termos de “machismo” herdados por esse período do cangaço, na figura de Lampião e conseqüentemente todos os outros personagens que fizeram parte de grupo violento e autoritário dessa época. Como afirma Claval (2002), ainda destaca bem essa questão do contexto cultural, (podemos dizer: o cangaço) nessa feita, está inserido principalmente no contexto social, político e econômico do Nordeste. Desse modo, nós que fazemos parte da região nordestina, tivermos um contexto não só político mais também social influenciado por

alguns elementos trazidos do período do cangaço. A cultura vivenciada no espaço geográfico a respeito do cangaço, traz marcas que influenciaram o atual cenário nordestino. Segundo Machado (2010), sob esse aspecto do “machismo”, ressalta alguns perfis do “ser machismo”:

Machismo: - A rudeza do meio e a sobrecarga emocional que elaboram um perfil humano, necessariamente emprestam, ao cangaceiro, condição subjetiva para enfrentar os percalços de sua vida errante pela caatinga, impondo-lhe, a cada passo, obstáculos que deve vencer, sobretudo amparando-se em suas condições peculiares de homem encorajado pelas dificuldades, que lhe determinam a forma de existência. Não se entenda machismo como exteriorizações de superficial valentia, mas como firmeza de caráter, própria [SIC] do homem plasmado por um mundo que lhe é hostil. (MACHADO 2010, p. 162)

Segundo a autora Machado (2010), destaca a importância de que o “machismo” como é tema retratado pelo cenário nordestino, são marcas do espaço vivenciado pelo *cangaço*, já que o sertanejo vivia grandes dificuldades e condições precárias para sobreviver na caatinga – bioma do nordeste brasileiro. Essa vida de flagelos cotidianos levou o homem a conviver com esse estereótipo. O “machismo”, no entanto, é de caráter consequente desse meio social trazido pelo espaço do cangaceiro. Sobretudo, ressaltamos que o sertanejo já vivenciava essa árdua jornada de flagelos antes mesmo do surgimento do cangaço, mas que, intensificou-se bastante no período do *Cangaceirismo*. O “machismo” acabou se tornando um título ao povo nordestino, por causa do seu “egocentrismo forte”. Dessa forma, tronou-se uma influência trazida da existência do ‘homem do cangaço’.

Portanto, ao evidenciarmos que o cangaço trouxe influências no aspecto social do Nordeste brasileiro, Santos (2018), comenta que o “movimento do cangaço” foi também influenciado pelos acontecimentos históricos vivenciados no Brasil, sob o contexto da política que o país se encontrava – (Fim da Escravatura no Brasil (1888) e Proclamação da República (1889). Assim, o *Cangaço* foi classificado, como “banditismo” e que precisavam ser exterminados, fazendo valer apenas os interesses maiores da época. “mas não podemos deixar de considerar, que muitos dos nordestinos que viviam nas regiões mais isoladas do semiárido, se revoltavam contra as exigências da classe dominante (coronéis), que queriam fazer valer seus interesses em detrimento de valores humanos” (SANTOS 2018, p. 7). Considerando esse cenário degradante, desse espaço sociocultural evidenciado acima, ressaltamos segundo Barros (2010) que:

[...] a região Nordeste, pontilhada de injustiças sociais, desgovernos, falta de democracia e infra-estrutura [SIC], sendo a seca um agravante do drama humano vivenciado no teatro místico chamado *sertão*, desencadeou uma nova

forma de organização espacial, a figura territorial do cangaço (movimento social composto de homens que lutavam contra os grilhões do poder e da autoridade, na condição de bandidos) que perdurou por mais de cem anos, tomando repercussão nacional sob a liderança do cangaceiro Lampião em 1920. (BARROS 2010, p. 30)

Se observarmos a imagem a seguir compreenderemos que, a figura do sertanejo se destaca como um dos símbolos marcantes do nosso Nordeste, e com ele o *chapéu de coro*, herdados também da cultura do cangaço. O cangaceirismo claro, foi um período agravante e de muito terror em nossa região, não se tinha paz quando ouvia falar dos grupos de cangaceiros. Mas, uma influência marcante desse período ficou ligada ao Nordeste brasileiro as características do ser sertaneji. Vejamos (**Figura 9, p. 32**):

Figura 9 – Vaqueiro do Nordeste.



FONTE: Percy Lau (IBGE: 1963 pág.182) apud de (ROCHA 2011, p.34)

Influências, ou não! O que entendemos é que o povo nordestino, sobreviveu as péssimas condições de vida e infraestrutura que lhes eram impostas, a sua bravura ou até mesmo o seu “machismo” são apenas uma resposta as condições de vida em que esses indivíduos sofreram com o decorrer dos anos no seu espaço geográfico. Não nos referimos a palavra “machismo” sob um caráter preconceituoso e não admitido pelo *feminismo*⁸, o que queremos descrever aqui, é que esse termo, nesse cenário se desenvolveu no critério de se impor ao sistema, ter autoritarismo em defesa de sua condição de vida. Qual o real propósito teve o Cangaço e sua cultura com o comércio na região Nordeste.

A representação do sertanejo é sem dúvidas, marcada por suas vestimentas de couro inclusive o chapéu, no qual era muito utilizado pelos grupos de cangaceiros. Quando se fala em Nordeste brasileiro, vem a imaginação sempre a figura do sertão seco e árido, com os ícones sertanejos: o vaqueiro, e seu chapéu de couro em sua cabeça. No entanto, essa imaginação de que se tem do Nordeste do Brasil, vem sendo desmistificada com o passar dos anos..., mas, que não deixou de ter essa representatividade do “ser nordestino”. Vejamos a (**Figura 10, p. 33**).

Figura 10 – Museu do cangaço inaugurado em 1988, por Expedita Ferreira filha de Lampião.



FONTE: Álbum do cangaço, SANTOS 2018, Vol. III. p. 22

⁸ (**feminismo**) – Segundo Barba (2014, p. 1) O feminismo é: “[...] é um movimento social e político que começou formalmente no final do século XVIII e que pressupõe a tomada de consciência das mulheres como um grupo ou coletivo humano, da opressão, dominação e exploração a que foram e são submetidas por parte do grupo de homens, [...]”. (Disponível em Referências). Assim, *o feminismo luta contra o preconceito dos homens intitulados “machistas” e a busca pelos direitos iguais entre “homens e mulheres” especificamente.* [**grifos nossos**].

Algumas dessas influências, também pode ser vista, na representação de objetos como: materiais de uso pessoais dos cangaceiros, muitos desses elementos do cangaço estão localizados em museus próprios, como é o caso do “Museu do Cangaço” inaugurado em 1988, na cidade de Aracaju/SE, como veremos na imagem a seguir expressa, nesse contexto de influências do cangaço para o Nordeste brasileiro, é a implementação desse Museu, dedicado ao cangaço. A imagem ainda, mostra a fotografia da filha de Lampião e Maria Bonita – Expedita Ferreira – em uma fotografia inaugural do Museu dedicado as relíquias do *Cangaceirismo*, datada em 1988, pelo acervo Instituto Tobias Barreto (UNIT), no estado de Sergipe. (SANTOS 2018, pág. 22 – Vol. III).

A comercialização de vestimentas e objetos que caracterizam a figura do sertanejo nordestino., são também influências vindas desse período. Logo, formam a cultura do espaço territorial nordestino, se tornando – por que não dizer: parte da expressão cultural do Nordeste brasileiro. Nosso país abrange uma diversificada cultura geográfica e cultural, a representatividade de diversas camadas historiográficas, mostram o quanto a cultura do país é ampla e perpassou por períodos econômicos, políticos e sociais desmistificados. Ressaltamos em dizer, que, os estudos aqui evidenciados nos trouxeram grandes aprendizados e conhecimentos para o nosso saber cognitivo como futuros professores da Geografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia nos possibilita entendermos o nosso território, e compreender o espaço em que convivemos com um olhar crítico e questionador ao contexto em que estamos inseridos, seja como indivíduos ativos ou passivos fazemos parte de um globo que participa ativa ou passivamente dos movimentos e políticas sociais. Assim, é possível nos nortearmos quanto, a geografia sobre um viés crítico e entendermos um pouco melhor o nosso “espaço vivido”. Como cita Nascimento e Costa (2016), a respeito dessa vertente:

“A revolução qualitativa envolvendo questões sociais, dentro da perspectiva geográfica, se deu a partir de 1970 com a Geografia Crítica, onde absorveu grandes paradigmas contextuais marxistas. Neste período, a preocupação com a subjetividade do homem abriu possibilidades, mesmo que limitadas, como subsídio para estudos do espaço vivido. [...]” (NASCIMENTO e COSTA 2016, p. 44).

Através desse trabalho queremos trazer um importante enfoque sobre a Geografia Cultural, que acreditamos ser de grande importância para a nossa vida acadêmica e como futuros professores da geografia. Sobretudo, queremos ressaltar aqui, a relevância da Geografia como um todo, sobre o aparato de aprendizado e conhecimento que podemos obter ao logo das reflexões estudadas. Para entendermos esse contexto geográfico, nos baseamos também em seus levantes históricos, e compreendermos que todo esse cenário geográfico, veio com o intuito de descobrir ainda mais, sobre as questões relacionadas ao período do cangaço e como a sua cultura impactou o território nordestino e nacional.

Esperamos que essa pesquisa impulse mais estudiosos do ramo da Geografia Cultural, pelo interesse por esses estudos. Sobretudo, porque a pesquisa aqui levantada nos fascina a entendermos como a cultura local está inteiramente relacionada ao nosso cotidiano, seja ela, expressada no passado ou no presente. Entender esse campo geográfico para nós foi um grande desafio, e acreditamos ser possível levar para a sala de aula esses conceitos e porque não trabalharmos mais essas questões norteadoras do espaço local expressa pela cultura, em nossa futura docência.

Por fim, esse período de aprendizagem e estudos sobre esse campo de pesquisa foi de grande aprendizagem, não só a nós, mais aos que em breve também tomaram conhecimento de ler essas entrelinhas aqui descritas. Assim como essa pesquisa foi bastante significativa e relevante para nós, estudantes dessa corrente da geografia, esperamos que ela também desperte o interesse de outros pesquisadores a se aprofundarem sobre o assunto e tomarem como objeto de estudo o campo da Geografia Cultural, já que ela também faz parte do nosso espaço. A cultura em si, é sem dúvidas, um campo vasto de conhecimentos e saberes que abrange diversos seguimentos de estudos que ainda podem ser desbravados.

REFERÊNCIAS

BARBA, Pan Montserrat. **O Que é Feminismo?** – 2014. Pág.1-2. PDF. Disponível em: <https://feminismo.org.br/wp-content/uploads/2014/10/O-que-%C3%A9-feminismo_Montserrat-Barba-Pan.pdf> Acesso em: 06/03/2022.

BARROS, Josias Silvano de. **A Geografia do Cangaço: O Território de Lampião Expresso pela Geografia Cultural.** [manuscrito] / Josias Silvano de Barros. – 2010. Pag. 1-46.

BENCINI, Roberta. **A Última Peleja do Diabo Loiro**. – Nova Escola. 01/02/2000. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3312/a-ultima-peleja-do-diabo-loiro>>. Acesso em: 09/03/2022.

BRITANNICA ESCOLA. Digital Learning. **Sanfona. Artigo**. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/sanfona/574512>>. Acesso em 21/02/2022.

DANTAS, Eugênia Maria. MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Território e territorialidade: abordagens conceituais. – Organização do Espaço**. UFRN/UEPB. Catalogação da publicação na Fonte. UFRN/Biblioteca Central “Zila Mamede”. 2008. PDF. Disponível em: <http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/organizacao_do_espaco/Org_Esp_A07_I_WEB_SF_SI_050805.pdf> Acesso em: 28/03/2022.

CABRAL, Raul. **Luiz Gonzaga já levou uma corsa por causa de Lampião**. Youtube, 23/08/2017 – (data da publicação). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PA0OSUeEhiU&t=13s>>. Acesso em 09/03/2022.

CLAVAL, Paul. **“A Volta do Cultural” na Geografia**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002. Pag. 19-28. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>>. Acesso em: 24/01/2022.

CLAVAL, Paul. **Reflexões sobre a Geografia Cultural no Brasil. Université de Paris-Sorbonne**. Espaço e Cultura. UERJ, N.8, pag. 7-29. AGO./DEZ. de 1999.

CLEMENTE, M. E. A. **O Cangaceiro e a Representação Mística de Lampião (1920-1938)**. UFRJ. Ponta de Lança, São Cristóvão, v.12, n. 22, jan.-jun. 2018. Pag 1-19 – PDF.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos. Gênese e Lutas**. Civilização brasileira S. A. – 4ª ed. Coleção retratos do Brasil. Vol. 15. Rio de Janeiro. 1976. Pag. 244. PDF.

FOLMER, Ivanio. [et al.]. **Geopolítica Poder e Território**. Ivanio Folmer; Ane Carine Meurer; Gilvan C. C. de Araújo; Júlio César Suzuki [Organizadores] – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/USP – São Paulo, 2021. Pág. 1-181. PDF. Disponível em: <<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/610/542/2055-1?inline=1>> Acesso em 09/03/2022.

FRAZÃO, Dilva. **E Biografia – Luiz Gonzaga**. [Atualizada em 18/08/2020]. Dilva Frazão, biblioteconomista e professora. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/>. Acesso em 09/03/2022.

GUIMARÃES, S. T. L. **Paisagens de Névoa e Neblina: A Imagem Literária de Paisagens do Medo**. Geografia, Literatura e Arte, v.1, n.1, jan./jun.2018 DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2018.142142. Pág. 71-93. PDF.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. Pág. 1-30. PDF.

MACHADO, M. C. R. da Matta. **Aspectos do Fenômeno do Cangaço no Nordeste Brasileiro (IV). (continuação).** Revista – USP. 2010. USP – Universidade de São Paulo – SP. pág. 162-200. PDF.

NASCIMENTO, T. F. COSTA, B. P. **Fenomenologia e Geografia: Teorias e Reflexões.** Produção do Espaço e Dinâmica Regional. Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 20 (2016), n.3, p. 43-50 ISSN: 2236-4994 DOI: 10.5902/2236499420152.

PEREIRA, José Mendes. **Mapa Baseado nos Registros Policiais das Operações do Cangaço** – Blog do Mendes & Mendes. 06/07/2014. Disponível em: <<http://blogdomendesemendes.blogspot.com/2014/09/mapa-baseado-nos-registros-policiais.html>> Acesso em 09/03/2022.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. [et al.]. **Geografia do Nordeste.** – 2 ed. Natal/RN. EDUFRN – 2010 / 2011. Pág. 1-35. PDF.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / 1926-2001** – Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1). Pag. 1-260. PDF

SANTOS, Rogério. **Álbum do Cangaço 1. Copyright 2018 por Rogério Santos.** Vol. I. Editoração e diagramação - Rogério Santos. Pag. 1 – 56. PDF.

SANTOS, Rogério. **Álbum do Cangaço 2. Copyright 2018 por Rogério Santos.** Vol. II. Editoração e diagramação - Rogério Santos. Pag. 1 – 72. PDF.

SANTOS, Rogério. **Álbum do Cangaço 3. Copyright 2018 por Rogério Santos.** Vol. III. Editoração e diagramação - Rogério Santos. Pag. 1 – 57. PDF.

SANTOS, Rogério. **O Cangaço na Literatura.** Youtube. Canal desde 30/08/2016. [Vídeos compartilhados através de pesquisas de Robério Santos.] Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/OCanga%C3%A7onaLiteratura>> Acesso em 13/03/2022.

SANTOS, Rogério. **Quem já tinha visto? Este é o mapa do ataque à grota em 1938 por João Bezerra.** 13/03/2022. Instagram: @ocangaonaliteratura. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbC29sGORff/?utm_medium=copy_link>. Acesso em 13/03/2022.

SANTOS, Wilson Alvares dos. **Cangaço: Um Movimento Social.** Revista Caribeña de Ciencias Sociales (Febrero 2018 - ISSN: 2254-7630). (UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana). Pág. 1-9 – PDF. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/4026/cangaco-movimento-social.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 06/02/2022.

SILVA, Felipe Kevin Ramos. **Geografia e Fenomenologia por Uma Antologia do Espaço e do Lugar.** UEPA – Universidade do Estado do Pará – Belém/PA – 2015. Pag. 1-20. Disponível em: <<https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2009/12/felipe-kevin-tcc-geografia-e-fenomenologia.pdf>>. Acesso em 17/01/2022.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. [1979] – PDF. Pag. 1-197.

XAVIER, Antonio Carlos. **Como Fazer e Apresentar Trabalhos Científicos em Eventos Acadêmicos**: [Ciências humanas e sociais aplicadas: artigo, resumo, resenha, monografia, tese, dissertação, tcc, projeto, slide]/ Antonio Carlos Xavier; ilustrações, Karla Vidal. Recife: Editora Rêspel, 2012. Pág. 1-177. PDF.